

A libertação dos oprimidos

The liberation of the oppressed

La liberación de los oprimidos

Kelma Fabíola Beltrão de Souza² 

Resumo: Este texto teve por objetivo refletir sobre o conceito de liberdade e libertação, a partir do que disse Paulo Freire em Educação como Prática da Liberdade (que ele chama de “introdução à Pedagogia do Oprimido”) e Pedagogia do Oprimido. A nosso ver, como o conceito de liberdade foi especialmente sugerido por Erich Fromm, trouxemos para o debate a sua problematização. Identificamos que Freire, de certa forma, vai preterindo a ideia de liberdade, usada inicialmente para significar as ideias de Fromm, e se volta especialmente às ideias marxistas. Isso demonstra o investimento de Freire na libertação dos oprimidos, onde reside quase todo propósito de sua pedagogia, cuja principal obra, Pedagogia do Oprimido, está completando cinquenta anos.

Palavras-chave: Liberdade. Libertação. Oprimidos. Pedagogia. Mudança social.

Abstract: *This text aimed to reflect on the concept of freedom and liberation, from what Paulo Freire said in Education as a Practice of Freedom (which he calls the “introduction to Pedagogy of the Oppressed”) and Pedagogy of the Oppressed. In our view, as the concept of freedom was specially suggested by Erich Fromm, we brought to the debate his problematization. We identify that Freire, in a certain way, preaches the idea of freedom, used initially to mean the ideas of Fromm, and especially turns Marxist ideas. This demonstrates Freire's investment in the liberation of the oppressed, where almost every purpose of his pedagogy lies, whose main work, Pedagogy of the Oppressed, is completing fifty years.*

Keywords: *Freedom. Release. Oppressed. Pedagogy. Social change.*

Resumen: *Este texto tuvo por objetivo reflexionar sobre los conceptos de libertad y liberación que dictaba Paulo Freire en los escritos: Educación como Práctica de la Libertad (que él llama de “introducción a la Pedagogía del Oprimido”) y Pedagogía del Oprimido. A nuestro ver, como el concepto de libertad fue especialmente sugerido por Erich Fromm, trajimos a debate la problematización. Pensamos que Freire, de cierta forma, va a preterir la idea de libertad, usada de principio para significar las ideas de Fromm, y se vuelve especialmente a las ideas marxistas. Esto demuestra la inversión de Freire en la liberación de los oprimidos, donde reside casi todo propósito de su pedagogía, cuya principal obra, Pedagogía del Oprimido, está completando cincuenta años.*

Palabras clave: *Libertad. Liberación. Oprimidos. Pedagogia. Cambio social.*

Introdução

Quais os caminhos percorridos por Freire diante dos significados de liberdade e libertação na constituição da Pedagogia do Oprimido? Essa é a questão principal que norteia este texto, pois, na nossa compreensão, Freire mostra timidamente as diferenças entre esses conceitos, gerando de certa forma algumas dúvidas ao leitor. Sendo assim, tentamos entender o uso desses conceitos para Freire, já que liberdade e libertação foram tematizadas por ele na

¹ **Submetido em:** 08 jul. 2018 - **Aceito em:** 01 jul. 2019 - **Publicado em:** 24 dez. 2019

² Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão (FAINTVISA) – E-mail: beltraokelma@yahoo.com.br

Educação brasileira, especialmente em meados de 1960, na elaboração de sua pedagogia, que por sua vez resvalou na configuração dos pilares da Educação Popular no Brasil.

Como as investidas (opções e significados) de Freire sobre liberdade e libertação nos parecem, em sua maioria, implícitas diante dessas palavras, fomos levados a fazer algumas opções sobre essas bases. Pensamos que Freire, ao significar em demasia esses conceitos (tornando-os matrizes em sua pedagogia), foi levado (cronologicamente, em seus escritos) a fazer algumas opções na constituição dos mesmos. Isto resultou no direcionamento da sua pedagogia como prática para libertação, o que por sua vez talvez tenha feito Freire preterir o termo liberdade e o significado dele.

Posto isso, achamos necessário visitar algumas escolhas de Freire sobre liberdade e libertação. No nosso entendimento, Freire pretere a liberdade dita por Fromm, mas não a abandona por completo. Ele justamente se volta a atender o que Fromm chamou de liberdade negativa. Assim, nossa intenção neste texto é saber também como e por que Freire vai preterindo a liberdade dita por Fromm e se vinculando à ideia de libertação, trazendo os elementos constitutivos do marxismo.

Para falar sobre liberdade e libertação em Paulo Freire, priorizamos primariamente as obras “Educação como Prática da Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido”, escritas respectivamente em 1965 e 1967. Secundariamente, usamos outros textos de Freire e alguns estudos que discutem suas ideias.

Pensamos que as ideias aqui expostas (refletindo sobre os conceitos de liberdade e libertação trazidas por Paulo Freire), diante do cenário político atual e, especialmente, diante das celebrações em torno dos cinquenta anos da Pedagogia do Oprimido, podem repercutir entre aqueles que têm a Educação Popular como cerne de seus estudos e preocupações.

Uma pedagogia da liberdade

É bastante desafiador percorrer os escritos de um autor que muitas vezes não deixa explícito como construiu suas ideias e quais suas bases epistemológicas acerca de determinado tema, assunto, palavra, explicando-as. De certa forma, seus caminhos, às vezes arriscados, são um desafio para o leitor, seja por causa das opções conceituais nem sempre claras, seja por causa da variedade de autores e conceitos aos quais seus escritos se ligam.

Sobre Freire e seus conceitos de liberdade e libertação, as opções não nos aparecem explícitas, nem uníssonas na sua escrita. É certo que há estudos que defendem que seus conceitos (entre eles o de liberdade) sugerem certo ecletismo de ideias (BORGHETTI, 2013). Existem outros que afirmam que este ecletismo trata-se de uma investida original do autor (SILVA, 2007). E ainda há os que pensam numa configuração sintética (LIRA, 2015). Diante disso, fazemos algumas observações para, enfim, termos algumas escolhas sobre o direcionamento de Freire diante destes conceitos.

Primeiro, em “Educação como prática da liberdade” (FREIRE, 1983) é importante notar que Freire opta por trazer o termo ‘Esclarecimento’, substituindo ‘Introdução’.

Sentimos certo *link* à pergunta/resposta de Kant (1985, p. 7): “Vivemos atualmente uma época esclarecida? A resposta é: não, mas numa época de esclarecimento”. Para Kant (1985, p. 1) ainda falta muita coisa para que os homens possam usar seguramente o “seu próprio entendimento sem a tutela do outro”. O homem precisa de liberdade para fazer uso de sua própria razão. A nosso ver, apesar de nenhuma citação a Kant, Freire se inspirou nesse texto para dizer, analogamente, que o Brasil, antes de se instalar o regime civil/militar de 1964, vivia numa época de esclarecimento (e liberdade para usar a razão). Esclarecimento concretizado por meio da proposta de educação que estava sendo realizada por ele e outros. O que Freire fazia na Educação, como ele disse ainda neste ‘Esclarecimento’, se tratava de uma “tentativa de aclaramento das consciências”, um “esforço de humanização e libertação do homem e da sociedade brasileira” que foi interrompida (FREIRE, 1983, p. 36).

Há também alguns usos intrigantes do autor quando se refere à liberdade e libertação, ainda no seu primeiro texto, no exílio (*Educação como Prática da Liberdade*). Em certo momento, Paulo Freire (1983) afirma que através dos tempos, na “luta por sua humanização”, o homem está sendo sempre ameaçado “**em nome de sua própria libertação**” (FREIRE, 1983, p. 43, grifo nosso). Para dizer, depois de algumas páginas, que a situação em que se encontra o Brasil é como se as massas emergentes tivessem sido “levadas à imobilidade e ao mutismo, **em nome de sua própria liberdade**” (FREIRE, 1983, p. 49, grifo nosso).

Não identificamos Freire (1983) deixando explícito o uso dessas palavras, que serão recorrentes no capítulo em que fala sobre a realidade da sociedade brasileira daquela época. Tanto que neste livro, Francisco Weffort, numa espécie de prefácio em 26 páginas, fez algumas reflexões sobre as ideias de Freire contidas no livro. Na interpretação de Weffort (1983), e concordamos com ele, as ideias trazidas por Freire indicam uma Pedagogia da Liberdade. Ele explica:

A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos (WEFFORT, 1983, p. 5).

Weffort (1983, p. 7) ainda diz que a ideia de liberdade defendida por Freire não seria apenas um conceito ou aspiração humana, mas uma “instauração histórica”, um desafio do presente. Já que: “uma pedagogia da liberdade pode ajudar uma política popular, pois a conscientização significa uma abertura à compreensão das estruturas sociais como modos da dominação e da violência” (WEFFORT, 1983, p. 16).

Porém, para nós, o que diz Weffort (1983) não deixa a situação completamente resolvida, principalmente diante do livro “*Pedagogia do Oprimido*”, escrito em 1967. Segundo Freire (2005), o livro *Educação como prática da liberdade* foi uma ‘introdução’ à “*Pedagogia do Oprimido*”. Em “*Pedagogia do Oprimido*”, Freire (2005) demonstra uma maior clareza na pedagogização de determinadas concepções modernas. Concepções já iniciadas em “*Educação como Prática da Liberdade*”, mas aprofundadas, suprimidas, acrescidas em “*Pedagogia do Oprimido*” (como, por exemplo, a dialética hegeliana, em especial, a entre o senhor e o escravo e o significativo uso das ideias marxistas).

Apesar de Freire (2005) se mostrar mais inclinado a conceituar a libertação (seria a superação da realidade opressora, através da práxis, onde o oprimido deixa de ser oprimido e se encontra em “permanente processo de libertação” (FREIRE, 2005, p. 46)) na composição desta pedagogia, a palavra liberdade é frequentemente utilizada. Liberdade como algo que tememos; algo que geramos quando já livres e conscientes para impedir a volta do regime opressor; algo que devemos buscar constantemente. Os significados são inúmeros, e não nos deixam ainda confortáveis para afirmar o que seria liberdade e libertação para Freire.

Dentre alguns estudos cujas propostas foram explicar o que significa a liberdade nos escritos de Paulo Freire, o de André Ferreira da Silva¹ (2007), por exemplo, analisa basicamente as mesmas obras que selecionamos de Freire e finda por tomar o termo liberdade enquanto libertação. Silva (2007) mostra que Freire, de início, quando adere ao cristianismo católico, tem o conceito de liberdade significando unir-se a Deus e comunhão. Depois este vínculo católico seria superado pela ideia de liberdade trazida por Hegel (especialmente na passagem sobre senhor e escravo) que, por sua vez, se trata de um processo que constitui a própria razão por meio de uma posição crítica da própria consciência. O estudo finaliza tomando o conceito de liberdade enquanto libertação.

Nesse sentido Freire, para Silva (2007, p. 210), desde a “Pedagogia do Oprimido”, constrói “a noção de liberdade enquanto processo: a libertação”. Que seria, para Silva (2007), fazendo um paralelo com o conceito de conscientização, o sufixo ação, compreendido como práxis (ação e reflexão) importante para criticar o agora e projetar algo novo. Concluiu ainda Silva (2007, p. 210) que “liberdade é, então, libertação: dialogicidade que eleva a consciência dos dialogantes, a consciência que supera a alienação”, para construir um novo caminho na história.

Não conseguimos, como Silva (2007), identificar liberdade enquanto libertação nos escritos de Paulo Freire. Pensamos: se para Freire, o termo liberdade deve ser entendido como libertação, por que no livro “Pedagogia do Oprimido” um dos capítulos tem como título: “A dialogicidade, a essência da educação como prática da liberdade”? (FREIRE, 2005, p. 89). Isso também transparece no fato de que Freire opta por usar o conceito liberdade, inclusive, para intitular outro livro publicado em 1975, “Ação Cultural para a Liberdade”. O próprio Freire, neste livro, apresenta um artigo escrito em 1969 (“Ação Cultural para a Libertação”) que demonstra uma inclinação importante à concepção de libertação, entendendo-a como processo e colocando toda sua pedagogia como ação cultural para a libertação, uma ação permanente.

Pensamos que, para Freire, liberdade e libertação têm significados diferentes. O que nos faz ver dessa forma é porque percebemos uma aproximação importante entre o que Freire pensou sobre liberdade e o conceito de liberdade problematizado por Erich Fromm (“O medo à liberdade”, do original *Escape from freedom: Escapar da liberdade*). Há um uso constante do termo medo da liberdade. Em “Educação como Prática da Liberdade”, Freire (1983) cita o próprio Fromm, enfatizando este medo da liberdade; em “Pedagogia do Oprimido”, apesar de não citar este livro de Fromm, Freire (2005) usa o termo ‘medo da liberdade’ inúmeras vezes; e no livro “Ação Cultural para a Liberdade”, mesmo que timidamente (apesar da palavra ser

título do livro), o termo liberdade aparece associado à ideia de medo. Tanto que em “Pedagogia do Oprimido”, Freire (2005, p. 37) disse:

Os oprimidos, que introjetam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas, **temem a liberdade**, na medida em que esta, implicando a expulsão desta sombra, exigiria deles que “preenchessem” o “vazio” deixado pela expulsão com outro “conteúdo” – o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. **A liberdade, que é uma conquista**, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (FREIRE, 2005, p. 37, aspas duplas do original, negrito nosso).

A partir da citação acima, entendemos que para Freire (2005), liberdade é aquilo que provoca o temor nos homens, exigindo deles autonomia para que não fiquem à mercê dos opressores. Liberdade seria uma conquista permanente, algo que se manifesta no interior do homem e que exige dele um movimento de busca constante, já que ele é um ser inconcluso.

Ao lermos Fromm (1983), é quase impossível não perceber que o fato deste tentar investigar os motivos pelos quais as pessoas seguiam o regime nazista (o que inclusive provocou o seu exílio para os Estados Unidos) foi um atrativo para que Freire procurasse entender o que aconteceu no Brasil, que levou tantas pessoas a apoiar o golpe militar e civil, que também provocou seu exílio. Certo sentimento de angústia, de ter a voz calada e as ações interrompidas, são significativos no livro “Educação como Prática da Liberdade”. Não é à toa que Freire dimensiona o medo à liberdade de Fromm. Entendemos que ele tenta buscar um fio de convergência entre as realidades diferentes, que seria a experiência em regimes autoritários.

Dois estudosⁱⁱ, por exemplo, nos falam sobre essa aproximação entre Freire e Fromm: Alessandra Lira (que estuda as divergências e convergências entre eles) e Rodrigo Borgheti (que analisa o problema da liberdade entre eles). Lira (2015) não trabalha especificamente com estes conceitos, e não caminha especialmente em direção à distinção dos mesmos. Mas indica Fromm como um referencial importante para Freire, quando ele trouxe o medo da liberdade para explicar sobre as fraquezas sociais; quando ressaltou que a violência do opressor está inserido num contexto de necrofiliaⁱⁱⁱ; quando usou para “construção do conceito de libertação” (LIRA, 2015, p. 81). Sobre o que os diferencia, Lira (2015, p. 81) afirmou que apesar de tratarem de um mundo sem liberdade, Freire trouxe uma proposta: uma “educação libertadora”.

Já Borgheti (2013), que trabalhou exclusivamente o conceito de liberdade entre os autores, afirma que Freire e Fromm assumem posições diferentes em relação à liberdade. Freire, “como um processo humano e antropológico que se constrói a partir das relações humanas”. Fromm, “como categoria psicológica espontânea e que se desenvolve em um processo histórico de emancipação das autoridades externas” (BORGHETI, 2013, p. 252). Podemos dizer que Freire já tomado pelas inspirações marxistas busca uma resposta coletiva e Fromm numa expectativa mais Freudiana tende para individualidade.

Posto isso, para nós, é significativo que Freire constrói suas concepções sobre liberdade e libertação, dentre outros, a partir das ideias de liberdade ditas por Fromm, que por sua vez inserem-se numa configuração hegeliana, freudiana e marxista. O livro de Fromm (1983) data de 1941 e ele problematiza o conceito de liberdade, buscando explicar como surgiu na reforma a ideia de liberdade, um dos princípios importantes para constituição do homem moderno.

Medo à liberdade

É significativo compreender que quando Fromm (1983) se refere à liberdade, detalha que nessa concepção existe uma interessante ambiguidade. Como se no nosso mundo existissem duas formas de significarmos a liberdade, e não uma! Este caminho, de viés hegeliano, indica que a liberdade (positiva), que nos traz a individuação (o uso pleno da razão), contraditoriamente, gerou uma antítese: a liberdade negativa. Fromm (1983) quer dizer que o processo de individuação, por um lado, formou uma estrutura organizada pela razão do indivíduo, mas, por outro, gerou uma solidão crescente e sentimentos de fraqueza e amargura. Aspectos perigosos que fizeram com que o indivíduo se unisse a projetos que, de certa forma, inspiraram uma ilusória segurança, como o nazismo, por exemplo.

Essa individuação que ocorre processualmente diante da História, de acordo com Fromm (1983), atingiu seu auge na História moderna (especialmente surgidos de determinados princípios do calvinismo e do luteranismo), que nos permitiu perceber diferente de épocas passadas:

O significado ambíguo da liberdade que iria agir através da cultura moderna: por um lado, a crescente emancipação do homem de autoridades externas; por outro, seu isolamento cada vez maior e o conseqüente sentimento de insignificância e impotência individuais (FROMM, 1983, p. 39).

Seguindo esse curso, iniciado pelo protestantismo e que o capitalismo continuou, pois libertou o homem das dominações tradicionais, contribuindo de forma significativa para o “incremento da liberdade positiva para ampliação de um ego ativo, crítico e responsável” (FROMM, 1983, p. 93), ao mesmo tempo em que o indivíduo ficou “cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência” (FROMM, 1983, p. 93).

Identificamos que foi essa compreensão principal (da ambiguidade das liberdades, positiva e negativa) que acompanhou as ideias de Freire, mesmo que ele não explicita esse detalhe. A nosso ver, essa problematização de Fromm (1983), diante da liberdade, nos leva a compreender melhor o que diz Freire quando fala em liberdade e libertação, e entender que, em certo sentido, ele se uniu prioritariamente à liberdade negativa, trazendo toda sua proposta pedagógica a agir diante dela. Não sabemos se Freire pensa que conseqüentemente chegaríamos à liberdade positiva (é provável que sim!), mas é fato que Freire se preocupa mais com uma ‘forma’ de suprir, por meio da educação, os problemas que o homem moderno sente diante da liberdade negativa identificados por Fromm. Para nós, foi este o tom que Freire deu aos seus textos, justificando inclusive o título de dois dos seus livros.

Freire (1983), ao situar explicitamente Fromm, em seu texto “Educação como Prática da Liberdade”, o faz ressaltando que o homem moderno se depara com uma grande tragédia que o leva a renunciar a “sua capacidade de decidir”, pois quando se pensava que este homem havia conquistado a liberdade, contraditoriamente vemos ele massificado, “sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado” (FREIRE, 1983, p. 43). E continua:

Libertou-se - diz Fromm - dos vínculos exteriores que o impediam de trabalhar e pensar de acordo com o que havia considerado adequado. Agora - continua - seria livre de atuar segundo sua própria vontade, se soubesse o que quer, pensa e sente. Mas não sabe. *Ajusta-se* [...] ao mandado de autoridades anônimas e adota um *eu* que não lhe pertence. Quanto mais procede deste modo, tanto mais se sente forçado a conformar sua conduta à expectativa alheia. Apesar de seu disfarce de iniciativa e otimismo, o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar fixamente e, como que paralisado, para as catástrofes que se avizinham (FREIRE, 1983, p. 44, grifo do original).

Freire (1983) cita Fromm justamente indicando os problemas que impedem o indivíduo de seguir o que a liberdade ‘positiva’ pode proporcionar a ele e, que por sua vez, se inclina à ‘liberdade negativa’.

É importante dizer que Fromm (1983) não busca uma resposta que sirva coletivamente à humanidade, tal como outros autores marxistas da Escola de Frankfurt. Fromm (1983) indica um caminho mais freudiano, no sentido de uma resposta (com auxílio da psicanálise) que contemple individualmente cada um na superação do medo que a liberdade provoca. Superar o medo (e as fraquezas que ele proporciona) traz o homem de volta ao caminho da liberdade positiva, do uso pleno da razão. Portanto, o fato de Fromm (1983) realizar uma análise do indivíduo (indivíduoação) sobre a liberdade, mesmo fazendo um investimento histórico e social nas suas explicações, pode ter levado Freire a se vincular a estudos com soluções mais totalizantes que individuais, como o marxismo, por exemplo. Segundo Borgheti (2013), para Fromm, os problemas que a liberdade nos trouxe devem ser resolvidos por nós mesmos enquanto indivíduos, uma experiência humana. Já Freire busca uma força ‘externa’, apesar de agir internamente, e mais geral, partindo da educação para ajudar nessa problemática.

A nosso ver, Freire investe nas ideias de Fromm e procura trazer, mesmo sem deixar explícito, o que significa liberdade para Erich Fromm e como ele (Paulo Freire) está se apropriando desse conceito. Mas é fato que Freire, ao usar o estudo de Fromm (no sentido de tentar responder o motivo que o Humanismo moderno não está saindo tal qual foi pensado), está tentando responder, ‘depositando’ nas práticas educativas (por meio da formulação de uma pedagogia), a ‘salvação libertária’ para essa problemática humanista, se voltando prioritariamente, diferentemente de Fromm, aos pobres e àqueles que têm piedade deles.

Concordamos com Lira (2015, p. IX), quando diz que Freire, mesmo mudando o seu pensamento, recorre muitas vezes a Fromm para respaldar seus conceitos. A autora mostra essa recorrência de Freire, quando ele explica sobre os problemas na nossa história: dependência, colonização, ajustamentos do indivíduo, autoritarismo, a destruição e conformismo de autômatos, necrofilia, biofilia. Em certo sentido, o que Lira (2015) nos fala

demonstra o que estamos supondo: uma inclinação importante de Freire, usando o conceito de liberdade de Fromm, a ‘liberdade negativa’.

Borgheti (2013, p. 252) afirma algo significativo: que Freire não lê Fromm “para produzir sua obra, mas encontra no pensamento de Fromm uma nova psicologia que corresponda aos seus anseios”. Realmente, não podemos depositar em Fromm a produção da obra freireana, mas podemos dizer que entender o conceito de liberdade dito por Fromm foi essencial para que Freire produzisse esta obra, em especial no que ele tenta formular sobre liberdade e libertação. Mesmo vinculando os conceitos marxistas a sua obra, Freire o faz para tecer uma forma de agir diante das consciências expostas aos mandos. Freire o faz para compor melhor uma atuação diante das fraquezas dos homens, problemas que de certa forma a liberdade (individuação), segundo Fromm, gerou a ‘liberdade negativa’.

A libertação dos oprimidos

Liberdade kantiana, liberdade hegeliana, que por sua vez se refazem na liberdade marxista, liberdade cristã. Essas são inspirações que constituem o pensamento de Freire ao falar sobre liberdade - na nossa compreensão, principalmente a liberdade problematizada por Fromm (1983), prioritariamente no sentido da negatividade. Por que prioritariamente? Porque entendemos que Freire pretere a liberdade ‘positiva’. É como se Freire se sentisse, diante da sua proposta, mais inclinado a buscar uma solução, de tal forma que minimiza quase por completo a liberdade ‘positiva’. E dentro desse contexto, ele se vincula aos conceitos marxistas.

Posto isso, mesmo a partir do pouco que Freire explicou sobre liberdade, a nosso ver, para o autor esta significou o ato que, quando se instaura, gera também liberdade, algo pelo que devemos lutar constantemente (finalidade) - para afastar o opressor e porque somos seres inconclusos, algo que tememos. Este nosso temor é uma fraqueza que se instaura na liberdade (negativa). Foi no sentido de combater tudo (de negativo) que nos cerca a liberdade, que Freire ‘faz’ sua pedagogia. “A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na **luta por sua libertação**” (FREIRE, 2005, p. 45, grifo nosso).

Daí é importante o que nos diz Borgheti^{iv} (2013, p. 253), pois, para ele, Freire se afastou das suas bases filosóficas “distanciando-se da filosofia existencialista”. E aderiu ao marxismo, pois tomou “como base de sustentação teórica o marxismo científico”, “em detrimento da aplicação do método científico^v” (BORGHETI, 2013, p. 245).

É significativo entendermos Freire como alguém do seu tempo e espaço, que compartilhou certo ideal que identificava a educação como ‘salvação’ para os problemas brasileiros^{vi} (de um lado os escolanovistas^{vii} Fernando Azevedo, Anísio Teixeira etc; de outro, os isebianos, como Álvaro Vieira Pinto^{viii}). Então, de certa forma, Freire pensou numa proposta que poderia atender a tais expectativas por meio de algo, digamos, mais propositivo e menos ‘filosófico’. Não foi à toa que Freire ficou inicialmente reconhecido no Recife, em 1963, com o “método do professor Paulo Freire”, o “método Paulo Freire”^{ix}. Inclusive seu próprio reconhecimento nacional se deu por meio deste método de alfabetização rápida.

Pensamos que, mesmo com um esforço de constituir uma base teórica (sistema Paulo Freire^x) para o método, em 1963/1964, ou depois no exílio (em “Pedagogia da Liberdade”), Freire segue fiel ao seu propósito inicial: seu método.

Quando ele investiu no “Método do Professor Paulo Freire”, ele estava tentando acertar com algo pedagogicamente propositivo. Por isso, é salutar entendermos por que ele se volta para atuar diante da liberdade (negativa) através do “processo de libertação” (FREIRE, 2005, p. 26). Mas é importante assinalarmos que, mesmo com essa referência a Fromm, quando Freire se volta a formular sobre a libertação, ele está quase por completo atado às ideias marxistas. Certa sedução do marxismo, a nosso ver, caiu como um elo que faltava para sua proposta pedagógica fluir. Porém, o que seria então, para Freire, libertação? Vejamos o que ele mesmo nos diz:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2005, p. 46).

Em qualquer destes momentos, será sempre a ação profunda, através da qual se enfrentará, culturalmente, a cultura da dominação. No primeiro momento, por meio da mudança da percepção do mundo opressor por parte dos oprimidos; no segundo, pela expulsão dos mitos criados e desenvolvidos na estrutura opressora e que se preservam como espectros míticos, na estrutura nova que surge da transformação revolucionária (FREIRE, 2005, p. 46).

A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 2005, p. 77).

Destes recortes acima, entendemos que, para Freire (2005, p. 77), libertação seria “práxis, que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Questão que nos sugere outras duas: que libertação ocorre de forma processual, da consciência ingênua à consciência crítica, e constante. E para que esta libertação ocorra, devemos agir de forma metódica, através de um procedimento que envolve os temas geradores. Um universo temático do próprio povo, retirado por meio de uma “metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora” (FREIRE, 2005, p. 101). O diálogo tanto serve para apreender os temas geradores, quanto para uma tomada de consciência dos indivíduos. O diálogo com as massas populares, para Freire (2005, p. 145), é “uma exigência radical de toda revolução autêntica”. Seria a “verdadeira revolução” estabelecer este diálogo com as massas (cada um dizendo a sua palavra!), revolução que ocorreria por meio da sua pedagogia (dos oprimidos) (FREIRE, 2005, p. 145).

Mas, finalmente, tudo isso serviria para libertar o homem? Serviria, mas não a todos os homens. Freire (2005, p. 23) assume a pedagogia para a libertação do povo (e daqueles que têm compaixão e lutam por e com eles): “aos esfarrapados do mundo e os que neles se descobrem e assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

Essa libertação só seria possível coletivamente e através de uma consciência crítica e comprometida com a transformação social. Libertar seria essencialmente mudar a condição de classe do oprimido, pois ele agiria (lutaria, se engajaria, assumiria a consciência política e de classe) com o outro no mundo, para transformar sua realidade: as questões sociais que a classe dominante negou. Posto isso, conquistar a libertação por meio da pedagogia paulofreireana implicaria em agir (ação do oprimido e daqueles que se identificam com sua causa) para transformar a realidade dos “esfarrapados do mundo” (FREIRE, 2005, p. 23).

Considerações finais

Não dá para negar que Paulo Freire, há cinquenta anos, ao anunciar a opção de libertação dos oprimidos diante da sua pedagogia, no mínimo encheu os olhos de possibilidades para uma significativa parte da população. Os próprios oprimidos (que se identificaram com a proposta de libertá-los) e tantos outros, por certo se sentiram contemplados diante da expectativa de poderem vislumbrar o rumo de suas histórias tomarem outro curso.

Mas também não dá para deixar passar em branco o malogro de certas ideias configuradas no projeto de modernidade, inclusive as próprias ideias marxistas trazidas por Freire à sua pedagogia. Ideias que nos remetem a todo um contexto de uma propositividade através da conscientização e da luta de classes, que, por seu turno, se insere na própria ideia de libertação (e liberdade) trazidas por Freire. Neste entretanto, a proposta pedagógica de Freire (da libertação) corresponde às demandas marxistas, como vimos, não só no apelo para atender a essas camadas, mas muito também para almejar uma participação de todos na ação para transformação social como aquisição de direitos civis.

O problema foi que nessas escolhas houve uma falta importante diante da ação política, que vai além de agir para mudar socialmente. Explicamos essa questão a partir do que problematizou Hannah Arendt sobre liberdade e libertação, inclusive questionando as próprias interpretações de Karl Marx.

Arendt (1988), num estudo sobre o significado da revolução para a sociedade moderna, afirmou que só com as Revoluções Americana (1776) e Francesa (1789) foi que tivemos eventos políticos como algo novo, tanto para atores quanto para expectadores. A experiência revolucionária trouxe a sensação de um novo começo (uma nova configuração política: República), como fez surgir certa ideia de liberdade relacionada a um mundo livre.

Em se tratando dos significados de libertação e liberdade, diante das aspirações revolucionárias, Arendt (1988) assinala que com frequência esses termos são identificados como a mesma coisa, mas na verdade não são. A libertação parece tumultuosa e atraente, mas é só a abolição de uma condição. Já a liberdade começa como opção política de vida, admissão que incide na participação da coisa pública, que precisa ser praticada, experimentada. Uma ‘certa’ felicidade pública. Essa felicidade aconteceu timidamente apenas na Revolução Americana, no qual o sentimento de participação, através dos conselhos, foi

gerado antes mesmo da revolução. Porém, Arendt (1988, p. 18) assevera que a revolução também foi interpretada como um processo que fez acontecer as mudanças sociais:

A questão social só começou a desempenhar um papel revolucionário quando, na Idade Moderna, e não antes, os homens começaram a duvidar que a pobreza fosse inerente à condição humana, a duvidar que a distinção entre os poucos que, por circunstâncias, força ou fraude, conseguiram libertar-se dos grilhões da pobreza, e a miserável multidão dos trabalhadores, fosse inevitável e eterna.

Simbolicamente, os ditos de John Adams (primeiro vice-presidente), dez anos antes da Revolução Americana, colocaram a colonização americana como início de um “grandioso projeto da Providência”. Esse dizer foi interpretado como sendo da ‘Revolução Americana’. Essa explicação foi reforçada por John Locke, por Adam Smith e pelos revolucionários franceses que, em presença da miséria do povo, findam por mudar este curso revolucionário e reconfigurar a acepção em torno da liberdade. A questão social foi trazida para o afã revolucionário (ARENDR, 1988).

Porém, a interpretação de Karl Marx sobre isso tudo foi circunstancial. Este, considerado por Arendt (1988, p. 48), como “o maior teórico que as revoluções jamais tiveram, era muito mais interessado em História do que em política”. Para o jovem Marx, o malogro da Revolução Francesa em estabelecer a liberdade foi porque não solucionou as questões sociais. Na interpretação de Arendt (1988, p. 48-49), Marx excluiu quase tudo das “intenções originais dos homens da revolução, a fundação da liberdade” e empregou, quase por completo, seu esforço e atenção “no curso aparentemente objetivo dos eventos revolucionários”. Isso implicou que:

Mais de meio século decorreu antes que a transformação dos Direitos do Homem nos direitos dos *sans-culottes*, e abdicação da liberdade em face dos ditames da necessidade, encontrasse o seu teórico. Quando isso aconteceu, na obra de Karl Marx, a história das revoluções modernas pareceu haver atingido um ponto sem retorno: uma vez que nada nem remotamente comparável em qualidade, ao nível do pensamento, resultou no curso da Revolução Americana, as revoluções vieram a ficar definitivamente sob influência da Revolução Francesa, em geral, e sob o predomínio da questão social, em particular (ARENDR, 1988, p. 49).

De certa forma, pelo alcance da revolução francesa e do próprio marxismo, este significado ecoou nos quatro cantos do mundo, influenciando inclusive, a nosso ver, na opção pedagógica (“aos esfarrapados do mundo”) que se trilha em torno da liberdade e libertação de Paulo Freire (2005, p. 23).

Freire propõe uma ‘revolução’ de caráter pedagógico (social), que direcionada aos oprimidos (e àqueles comprometidos com os sofrimentos deles) provocaria uma superação das condições (de classe e direitos diante do opressor), instaurando por sua vez uma “libertação revolucionária” (FREIRE, 2005, p. 150). A verdadeira revolução, na verdade, seria estabelecer também um diálogo com as massas.

Apesar de liberdade e libertação, ditas por Freire (2005) e Arendt (1988), aparentarem ser completamente diferentes^{xi}, é certo que a questão social (e da mudança social) é sintomática na proposta de Freire, que por sua vez repercutiu as ideias marxistas. E essa foi uma das críticas mais contundentes de Arendt (1988) sobre Karl Marx. Crítica significativa,

porque Marx, ao asseverar essa questão, pecou na acepção de uma liberdade (envolvida na libertação e revolução) que nos remetesse a assumir uma ação política necessária: participar do espaço público. Um sério prejuízo diante da ação política, que se tornou menos relevante para as sociedades modernas.

Arendt (1988) se voltou para as cidades-estados gregas, para nos fazer entender que a liberdade como fenômeno político era uma condição de não-mando, sem distinção entre governantes e governados. A noção de mando estava ausente. Na *polis*, as pessoas (desiguais) podiam dar suas vozes igualmente (isonomia). Não era liberdade de condições, embora essa igualdade fosse a condição de toda a atividade política. A liberdade começava, então, como opção política de vida, aceitação que incide na participação na coisa pública, que precisava ser vivida.

Dessa forma, por mais que as questões trazidas na pedagogia paulofreireana tenham sido importantes, não podemos negar, diante do que nos mostrou Arendt (1988), que ‘recuperar’ a felicidade pública se faz necessário ainda nos dias de hoje.

Referências

ARENDR, Hannah. **Da Revolução**. Tradução de Fernando Dídimo Vieira. São Paulo: Ática, 1988.

BORGHETI, Rodrigo da Silva. **O problema da liberdade nas obras de Paulo Freire e Erich Fromm**. 2013. 268 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo. Estudos Universitários. **Revista de Cultura da Universidade do Recife**. Recife, n. 4, p. 5-24, abr./jun. 1963.

FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 48 reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. Tradução de Octávio Alves Velho. 14 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é esclarecimento? *In*: KANT, Immanuel. **Textos seletos**. 2 ed. Petrópolis, 1985. p. 100-117.

LIRA, Alessandra Mendes. **Paulo Freire e Erich Fromm**: convergências e divergências. 2015. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015.

MACIEL, Jarbas. A fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire de Educação. *In*: FÁVERO, Osmar (org). **Cultura popular, educação popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

MENDONÇA, Maria Christina Araújo de. **A escola nova em Pernambuco**. 1987. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 1987.

SILVA, André Gustavo Ferreira da. **Educação e liberdade**: o conceito de liberdade na pedagogia brasileira na década de oitenta. 2007. 299 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2007.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. **Educação não é privilégio**. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB**: fábrica de ideologias. 2 ed. São Paulo: Ática, 1978.

WEFFORT, Francisco Correia. Educação e Política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. *In*: FREIRE, Paulo. 1983. p. 1-26.

Notas

ⁱ André Ferreira da Silva (2007) estuda a liberdade nos anos 1980 no Brasil.

ⁱⁱ É válido ainda salientar que Fromm aparece timidamente no estudo de Silva (2007), no quadro dos autores frankfurtianos, mas não quando ele se propõe a falar especificamente sobre o conceito de liberdade na perspectiva freireana.

ⁱⁱⁱ As ideias de necrofilia e biofilia são identificadas pela autora em outros escritos de Freire, como, por exemplo, no livro “Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire” (FREIRE, 1980).

^{iv} Borgheti (2013, p. 253) afirma que esse aspecto enfraquece o pensamento de Freire, pois, no seu entender, Freire fragilizou “aquilo que poderia ter sido original em seu pensamento”. Lira (2015) discorda de Borgheti enfatizando que isso não enfraqueceu o pensamento de Freire. Sem entrar no mérito de enfraquecimento ou não, entendemos que Freire direcionou suas ideias ao que ele entendeu ser mais importante na época. O fato é que se tratou de um método, de uma maneira, de uma forma.

^v Borgheti (2013, p. 245), a partir de Massimi (2012), justifica que muitos foram vítimas de um processo histórico iniciado no século XIX, entre eles, Freire, que desconsiderou “o saber acumulado ao longo de muitos séculos na história ocidental, em detrimento da aplicação do método científico”.

^{vi} Nesse sentido, se faz importante ler a tese de concurso para professor de filosofia e história da educação de Freire (2003).

^{vii} Ver mais em Mendonça (1987) e Teixeira (2007).

^{viii} Ver mais em Toledo (1978).

^{ix} Mais informações em: Cariocas e paraibanos aprendem no recife a formar alfabetizadores. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 abr. 1963; O professor Paulo Freire foi aplicar em Sergipe seu método de

alfabetização. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 jun. 1963; Método Paulo Freire no Sertão: programa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 jun. 1963; Iniciada a campanha de alfabetização de adultos em São Lourenço da Mata. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 mar. 1964.

^x Sobre este assunto ver especialmente: Freire (1963) e Maciel (1983).

^{xi} Para Arendt (1988) liberdade é mais importante que libertação, já o educador considera o contrário. Embora Freire tenha trabalhado timidamente com o conceito de liberdade, foi uma liberdade no sentido ambíguo dito por Fromm (1983), se inclinando para libertação, não como Arendt (1988) fala, mas no sentido de propor uma forma de conquistá-la e agir diante de toda negatividade da liberdade. Ainda mais, Freire fica muito mais preocupado e inclinado a tecer sobre libertação, pois lhe parecia mais nítido para agir através do seu método pedagógico.

